

MINHA HOMENAGEM A UM GRANDE CHEFE

GERSON FLEISHHAUR
Capitão-de-Mar-e-Guerra (Ref^{ts})

"Concordância hipócrita, para parecer amável; gentileza visando retorno, tolerância com o incorreto, pouca personalidade, etc., criam o momento, ainda que falso, e ajudam a ir adiante."

"Almoços, jantares, coquetéis, presença constante em cerimônias, intensa vida social formam o bom relacionamento, mas roubam centenas de horas de trabalho."

"Não sei como se pode levar uma vida social; vou tarde para casa e, muitas vezes, ainda deixo o que fazer." (No Comando do Primeiro Distrito Naval)

"A honestidade, a coragem, a personalidade, a mensagem sem rodeios são, na maioria das vezes, incômodas."

"A assessoria leal, mas discordante, ainda que respeitosa, não recomenda bem. O trabalho honesto sem propaganda não aparece. Entretanto, podemos assegurar que o exemplo e a amizade respeitosa, fundamentada na liderança, são os melhores condimentos para o êxito de uma missão."

Tudo isso pregava o grande Chefe, que seguia reto e não visava à mínima popularidade.

Com essa doutrina, talvez não fosse tão simpático e, talvez por isso, não tenha sido lembrado como padrão de grande militar, grande líder, cidadão justo e amigo, já há mais de 12 anos falecido.

Os que tiveram a felicidade de o ter como chefe ainda hoje comentam, por comparação, o acerto de suas atitudes.

Exigente na apresentação civil e militar, era, entretanto, amável nos momentos oportunos, humano e até camarada.

Com certa frequência, comunicava-se por telefone com o chefe geral dos servi-

ços, dizendo-lhe que o aguardasse, para que dessem uma volta pela área do Comando do Distrito. A finalidade era verificar a apresentação pessoal e material.

De uma feita, ao recolher o cartão de identidade do terceiro marinheiro, pelo mesmo motivo (cabelo fora do regulamento) e, constatando serem eles pertencentes à mesma Organização Militar, decidiu que fôssemos até ela: lá mandou chamar o diretor, mas como este estava ausente, compareceu o vice-diretor.

“Começo a compreender o porquê da desordem na OM; é o seu exemplo”, disse o Almirante ao oficial cabeludo.

Ainda como comandante do 1º Distrito Naval, num 11 de Junho, em Botafogo, em cerimônia em homenagem a Tamandaré, dirigindo-se a um colega, também almirante: “Por favor, saia da formatura. Você está fora do uniforme”.

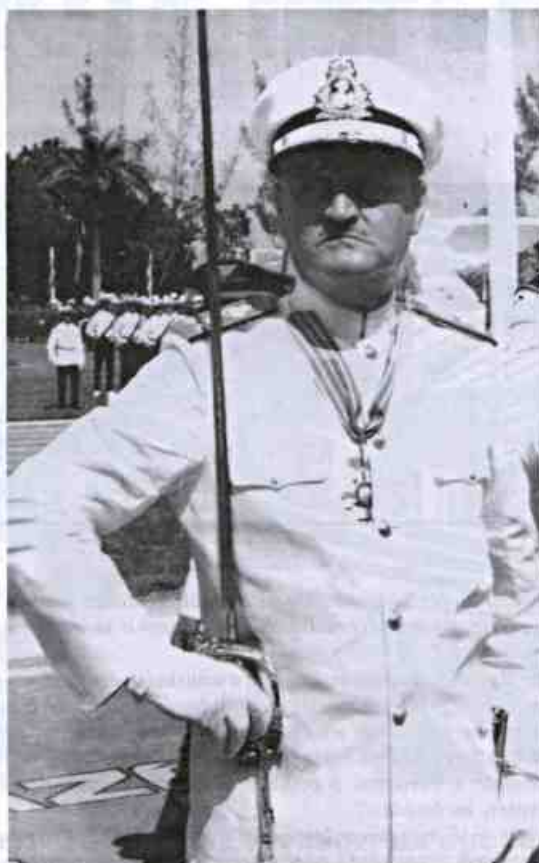
Ainda no 1º DN, ao receber, para servir, um oficial de passado não muito recomendável: “Aqui o senhor vai ser julgado pelo seu futuro e não pelo seu passado; o seu odômetro está a zero”.

Religioso convicto, sabia respeitar outros credos e, pelo Natal, seu amor ao pró-

ximo ainda aumentava, diminuindo a separação hierárquica.

Inspeção de Material a bordo do Cruzador Ligeiro *Tamandaré*.

Ao ser aberto um compartimento, aparece um altar:



UZEDA, O MILITAR

Vice-Almirante José Uzeda de Oliveira, condecorado com a Ordem do Mérito Aeronáutico

– O que significa isto?

– É o nosso culto. Nós, que moramos a bordo, aqui fazemos reunião uma vez por semana.

– Quem mais está nisto? Quem é o mais antigo? Vocês têm algo escrito sobre este culto?, perguntou ao sargento mais antigo, que então comparecera, e que, abrindo uma gaveta, exibiu-lhe um livreto.

“Muito bem. Podem continuar”, disse sorrindo, depois de uma pequena leitura, quando todos esperavam, pe-

lo menos, uma proibição.

Maria, Maria de Marinha ou, ainda, Maria Japona era uma pobre criatura nordestina que acompanhava e amava a Marinha havia muitos anos. De pouso incerto, malandra, mas de alma pura, era conhecida, tolerada e até querida, dos marinheiros às altas autoridades. Chegava a ser quase um símbolo.

No 1º Distrito Naval, em vésperas do Natal, recebeu o chefe geral dos serviços a incumbência de apresentar a Maria na festa comemorativa.

“Quero a Maria muito bem vestida na nossa festa de Natal.” E, com satisfação, a sua ordem foi cumprida.

Perdoava faltas leves e, sem qualquer prejuízo para a sua autoridade, também se desculpava diante de subordinados porventura injustiçados.

Zeloso dos dinheiros públicos, nos Conselhos Econômicos sabia manter o equilíbrio diante das pródigas propostas.

Em reunião do Conselho, no Comando do 1º DN, propôs o chefe geral dos serviços, o CGC, uma gratificação para um funcionário.

“Concordo sim, desde que seja do seu bolso.”

Tratava-se de funcionário da garagem, lanterneiro que, desesperado diante da sensível diminuição de sua renda mensal, prometera, em audiência, passar a ser um mau funcionário; ultrapassara brilhantemente sua crise, melhorando ainda a sua produção. Ele, antes, mais que dobrava seus vencimentos com serviços particulares, extras, agora terminantemente proibidos, diante do estado deplorável das viaturas oficiais do Distrito.

“Muito bem, se é assim, concordo e proponho uma polpuda gratificação.”

Nos seus comandos, nunca o Livro de Contravenções foi um separador de águas. Tinha nas mãos, por sua liderança, igualmente, oficiais e guarnição.

Côncio dos seus comandos, nunca permitiu interferências externas que o diminuíssem, obstando-se até a atitudes incorretas de superiores.

Como comandante do 1º DN, certa vez, entrando em sua câmara, não percebi que ele atendia a um superior e ainda o ouvi dizer, sem que me percebesse:

“Desculpe, Almirante, mas os caminhões do Distrito não são para isso.”

Soube depois que se tratava de uma mudança particular.

Diante do estrangeiro, então, com mais força ainda, não permitia intromissões, afrontando, com firmeza, o perigo de uma problema internacional.

Em Salvador, como comandante do 2º Distrito Naval, fez recomeçar uma cerimônia de

colocação de palma em monumento, homenagem de navio inglês, que começara sem sua presença, embora tivesse ficado bem clara a hora do início da cerimônia.

Soube sempre manter elevado e respeitado o nome da Marinha, jamais permitindo que outros poderes nacionais a ela suplantassem, mostrando-a confiável e suficiente na opinião pública.



UZEDA, O MARINHEIRO

Vice-Almirante José Uzeda de Oliveira, recebendo o apito – símbolo do marinheiro – dos funcionários e marinheiros do 1º DN, por ocasião de sua passagem de comando

Como comandante do 1º Distrito Naval, tinha jurisdição sobre o presídio político da Ilha das Flores.

Procurado por três cidadãos com a intenção de visitar um preso, perguntou quem eles eram.

— Eu sou o pai do preso.

— Eu sou o irmão do preso e, como viajo, ainda hoje, para os Estados Unidos, mesmo sabendo não ser hoje dia da visitação, apelo para que nos permita visitar meu irmão.

— E o senhor, quem é?

— Eu sou o advogado da família!

Retrucou o Almirante veemente:

— Desde quando, na Marinha do Brasil, um pai, para visitar um filho preso, precisa trazer um advogado na frente?

— Eu estava com eles por acaso, disse o advogado, terminando afoito o cafezinho que tomava, retirando-se imediatamente.

O *gran finale*:

— O senhor vai ver seu filho; o senhor vai ver seu irmão hoje e sempre, seja ou não dia de visitação, desde, apenas, que eu lhes possa dar uma lancha, mas..., não me ponham advogado na frente!"

Seus grande comandos, no mar e em terra, primaram sempre pela moral e pelo respeito, inibidores de qualquer procedimento incorreto que, constatado, imediatamente revertia com a sua presença ou com a sua palavra.

Num domingo, sabendo do desaparecimento de algumas armas a bordo do seu cruzador, compareceu e, diante da guarnição concentrada na popa, fez empolgante exortação que terminou com as palavras: "E agora tenho a certeza de que estas armas não custarão a aparecer".

Confirmado: procuradas com firme vontade, as metralhadoras foram descobertas no paiol das amarras, bem como os responsáveis pelo roubo. Tratava-se de um grupo de marinheiros, já às vésperas da expulsão, que se preparava para organizar uma quadrilha!

O conforto de seus subordinados era freqüentemente checado com sua presença inopinada nas cozinhas, refeitórios, sanitários e dormitórios.

Numa chegada inesperada no refeitório do Distrito, constatou a pouca existência de comida restante nas panelas, em face do número de homens ainda em fila, para se servirem.

"Mas é muito pouco! A Marinha paga o suficiente para que o marinheiro coma bem!"

Não podendo, no momento, contar com o oficial intendente responsável, ordenou que fosse aberto o paiol de mantimentos e que fossem servidas mais 20 latas de salsichas.

Dono pleno de uma situação, pela razão, pelo direito, pela moral ou mesmo pela força, jamais exorbitou.

Ainda no Comando do 1º DN, soube de uma jovem, retida por horas, sob a acusação de que agredira um sentinela. Constatada a irreabilidade e a exorbitância da ação do oficial de serviço, determinou que a ela fosse tomado um depoimento, que fosse liberada e que seu pai comparecesse ao Comando, no dia seguinte.

Sua falta: saltando por cima da amarra que limita a área militar, em vez de normalmente passar pelo pórtico após de advertida pelo sentinela, apenas lhe dirigira palavras grosseiras.

Graças à incompetência do oficial que determinara sua prisão, que a considerou muito perigosa, ficou detida várias horas na sede do Comando.

Humano e irmão, não vacilou, entretanto, em 1964, em ordenar a abertura de fogo de metralhadoras contra aqueles que se quisessem apossar de seu navio, quase indefeso, docado no Dique Rio de Janeiro.

Exemplo de coragem e firmeza, não apareceu por uma circunstância fortuita que, às vezes, projeta um chefe, sem sua efetiva

participação, mas pelo constante exemplo no cumprimento da rotina diária.

Quando, comandante da Esquadra, o privaram do posto de almirante-de-esquadra e quando, na transferência para a reserva, por não sentir unanimidade na intenção, abriu mão do seu desembarque em escaler remado por oficiais e, a seu pedido, patroado por mim, conforme a bela tradição marinheira, criou-se uma enorme dívida para com ele, atenuada somente na sua morte.

Entre outras muitas homenagens, seu EGA (Encarregado Geral do Armamen-

to), depois seu CGS (Chefe Geral dos Serviços) e, depois, ainda, seu oficial de Estado-Maior beijaram-lhe a testa, no seu velório, sem que, como Nelson, pudesse pedir e, em seu sétimo dia, fizeram-lhe o elogio.

Ele foi como o meteoro que passou, mas que deixou um rastro luminoso que, até hoje, orienta aqueles que tiveram a felicidade de com ele servir.

Esta é uma homenagem ao grande Vice-Almirante José Uzêda de Oliveira.

Deus o tem; temos a certeza.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<NOMES> / Oliveira, José Uzêda de (VA); Uzêda (VA)

Não se perde tempo
quando se busca a verdade.

Luiz Felipe Magalhães

tudo, proporcionando condições que favoreçam o desenvolvimento de habilidades necessárias ao seu desempenho eficaz na posição de liderança, em um momento onde “não há longo prazo”, é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. As formas passageiras da associação na pós-modernidade se concretizam nos “laços frágeis” dos trabalhos de equipes, quando se passam de tarefas em tarefas, e o pessoal muda no caminho.

O LÍDER

As características básicas e fundamentais para a formação do caráter dependem de virtudes estáveis, como a lealdade, a confiança, o comprometimento, o respeito e a ajuda mútua. Essas características estão tendo dificuldades na pós-modernidade, em face das mudanças a curto prazo, marca da nova economia dinâmica. As características humanas decorrentes das atividades “a longo prazo” estão ameaçadas pelos efeitos desorientadores pelo mundo novo da flexibilidade, da reengenharia, trabalhos em equipes ou em redes “a curto prazo”, onde o que importa é cada um ser capaz de se reinventar a cada instante. Entendendo a importância incontestável de a liderança ser o propósito maior e abrangente da formação militar, perguntamos:

- Como é possível ter-se valores duradouros numa sociedade impaciente?
- Como ser-se leal e ter-se respeito mútuo em instituições que vivem desaparecendo ou sendo reprojatadas?
- Quais os cuidados a serem tomados para que os laços frágeis, nas relações de trabalho em equipe na era da pós-modernidade,

não afetem as relações de compromisso, lealdade, integridade e caráter no desenvolvimento das lideranças navais no futuro?

“Carreira” significava uma “estrada bem feita” a ser projetada, construída e vivida; repentinamente, a flexibilidade da modernidade mudou, alterou ou, simplesmente, interrompeu “a carreira”. Surgiram ramais interrogativos onde o risco é fator predominante. E onde há risco há medo. Mas esses ramais se interligam, e temos uma rede onde os caminhos mais se assemelham a um labirinto (onde ansiedade e surpresas são constantes) do que a uma estrada a ser trilhada com dignidade. Ou seja, a derivação constante dos caminhos a serem seguidos em face das atividades “a curto prazo” não dão margem à formação do caráter, expresso pela lealdade e o

compromisso mútuo, em busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação imediata em troca de um objeto a ser alcançado em um fim futuro. E tudo isso acarreta uma

“corrosão do caráter”, ou melhor dizendo, um caráter que não tem tempo de ser formado, que não se formará nunca. A fome impaciente e inesgotável do capital impaciente, do rápido retorno, não permite a consolidação de uma atividade duradoura, a longo prazo.

“NÃO HÁ LONGO PRAZO”

“Não há longo prazo” é um princípio que corrói a confiança a lealdade e o compromisso mútuo.

Os laços das estruturas modernas estão se caracterizado pela “força de laços fracos”, ou seja, formas passageiras de

É pela educação que se inicia a formação de um líder
